

NOVAS COMUNIDADES CATÓLICAS: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

Robson Wander C. Lopes¹ e Tânia N. O. Miranda²

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os novos movimentos e comunidades católicas. O objetivo é analisar a relação entre as novas formas de ser e agir de uma catolicidade moderna, emergente, e aquelas tradicionais representadas pela hierarquia eclesial. Metodologicamente, o trabalho está fundamentado na pesquisa de campo cujos dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e de observação participante na região metropolitana de Belém do Pará. O referencial teórico e a revisão bibliográfica baseiam-se em autores como Reginaldo Prandi, Arnaldo Lemos Filho, Raymundo Heraldo Maués, dentre outros. E, assim, analisa que a estrutura eclesiológica do catolicismo apresenta uma constante tensão bipolar: de um lado uma centralidade cosmológica e coletiva sustentada por uma catolicidade clerical e doutrinária e de outro uma centralidade psicológica e individual que demonstra uma nova sensibilidade religiosa laica. O catolicismo, portanto, constitui-se de catolicidades em que clérigos e leigos negociam e relacionam-se sob o mesmo título de católicos apostólicos romanos.

Palavras-chave: Clero. Laicato. Tradição. Modernidade.

¹ Mestre em Ciências da Religião (PPGCR/Uepa). Professor na área de Filosofia no Instituto Federal do Pará (Ifpa). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Cidadania na Amazônia (GMSECA/Uepa). Contato: robsonlo-pescr@gmail.com

² Tânia N. O. Miranda é antropóloga, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – UFPA. Membro do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais Cidadania e Educação na Amazônia (GMSECA/UEPA). Membro do Grupo de Pesquisa “Agricultura familiar, inovação, sustentabilidade e ruralidade” (EMBRAPA). Membro do Corpo Editorial da Revista Terceira Margem Amazônia (RTMA). Contato: taniamiranda18@yahoo.com.br.

Abstract

This scientific article proposes a reflection on the new Catholic movements and communities. The objective is to analyze the relationship between new forms of being and action of a modern, emerging catholicity, and those represented by traditional ecclesiastical hierarchy. Methodological work is based on field research and data were collected through semi-structured interviews and participant observation in the metropolitan region of Belém do Pará. The theoretical framework and the literature review are based on authors like Reginaldo Prandi, Arnaldo Lemos Filho, Raymundo Heraldo Maués among others. And thus analyzes the ecclesiological structure of Catholicism has a bipolar constant tension: on one side a centrality cosmological and sustained by a collective clerical and doctrinal catholicity and other psychological centrality and individual that demonstrates a new secular religious sensibility. Catholicism, therefore, consists of *catolicidades* in which clergy and laity negotiate and relate under the same title of Roman Catholics.

Keywords: Clergy. Laity. Tradition. Modernity.

INTRODUÇÃO

Será nosso objetivo, neste trabalho, verificar a relação de catolicidade entre os novos movimentos e comunidades católicas e a hierarquia da igreja oficial em um processo de relação nem sempre harmônico entre as catolicidades tradicionais e as emergentes. É o modelo eclesiológico que, de uma centralidade cosmológica, passa a uma centralidade psicológica, isto é, do desenvolvimento de uma fé baseada nas relações intersubjetivas e coletivas os grupos emergentes, no campo católico, passam a desenvolver uma fé que se baseia na valorização estrita do indivíduo.

Revisitamos a bibliografia disponibilizada pela disciplina “Movimentos Religiosos Contemporâneos” e outras referências pertinentes para a discussão do tema. Ademais, o conteúdo deste artigo se fundamenta na pesquisa de campo que realizamos em alguns grupos classificados como novos movimentos e comunidades católicas existentes na Arquidiocese de Belém/PA. A pesquisa está estruturada basicamente por entrevistas gravadas e transcritas e pela observação participante. A pesquisa de campo foi realizada em Mosqueiro, distrito do município de Belém e no município de Ananindeua, nos bairros do Tapanã e Castanheira, na área metropolitana da Arquidiocese de Belém. Nossa pesquisa se limitou a estudar os seguintes movimentos e comunidades

considerados novos pelo catolicismo em Belém: a Comunidade Maria Serva do Senhor, em suas duas modalidades (de Vida e de Aliança); a Comunidade Nova Aliança II; o grupo Frutos do Espírito da Renovação Carismática Católica (RCC); e a Comunidade Caminho Neocatecumenal.

A TENSÃO ENTRE CATOLICIDADES

Os novos movimentos e comunidades católicas se encontram numa dificuldade classificatória no que se refere ao seu entendimento categórico, pois sua definição não acha um sustento teórico seja pela teoria dos movimentos sociais, seja pelas teorias dos novos movimentos religiosos. Guerreiro (2006, p. 18 e 20), ao analisar os novos movimentos religiosos, busca delinear uma tipologia que demonstre a realidade brasileira no que diz respeito ao campo religioso. Esse autor refere-se ao termo *novo* não no sentido cronológico, mas no sentido teológico diferenciado que estes movimentos assumem nas grandes religiões. Assim, entende-se por “novos movimentos religiosos” tanto os grupos que surgem no interior das religiões tradicionais quanto aqueles que fogem totalmente delas; mas são ainda considerados novos os grupos que fazem um mesclado dessas duas realidades ao surgirem.

As novas modalidades de movimentos que se estabelecem no interior do campo católico não se enquadram numa estrutura de Novos Movimentos Religiosos *meramente*, se é que isto seja possível. Sua estrutura categórica e classificatória está numa dimensão ontológica da catolicidade entendida como um modo de ser conflitivo em sua própria configuração social e religiosa. Maués (2006, p.5) prefere chamá-los de novos movimentos eclesiais (NMEs) ao afirmar que tais movimentos

(...) na Igreja Católica Romana (ICAR) não devem ser confundidos com a eclosão recente dos chamados Novos Movimentos Religiosos (NMRs), que lhes são, de alguma forma, contemporâneos. Estes, os NMRs, não são necessariamente cristãos e nem pertencem, também, necessariamente, à ICAR. Se pudermos considerar o chamado (por alguns) de neopentecostalismo *católico*, então a RCC poderia ser, talvez, considerada como parte da categoria inclusiva de NMRs, que nesse caso, se interpelaria no conjunto classificatório dos NMEs.

Entretanto, neste trabalho, os denominaremos de Novos Movimentos e Comunidades Católicas considerando o entendimento da própria Igreja Católica Romana. Tais movimentos e comunidades católicas se apresentam sob um perfil em que, embora surjam e se desenvolvam no interior de uma religião

dita tradicional, se verificam claramente elementos *neopentecostais*, difusos e, ao mesmo tempo, aspectos doutrinários tradicionais, como a devoção ao nome de Maria, ao Crucifixo, ao Sagrado Coração de Jesus Misericordioso, à adoração ao Santíssimo Sacramento etc.

Na última versão do Código de Direito Canônico (CNBB, 1983), nos cânones 298-329, a Igreja prevê as normas comuns e *especiais* para a regularização das associações de fiéis. Esse arranjo de cunho jurídico abre precedentes para o reconhecimento oficial dos movimentos e comunidades que já não mais se identificam com as antigas congregações religiosas de vida consagrada ou institutos de vida apostólica. Mas o reconhecimento da Igreja se estabelece “de acordo com o seu relacionamento com a hierarquia eclesiástica” (CNBB, 1983, p. 138) em diferentes graus de *status* conforme rege o próprio código canônico.

Trata-se de uma negociação entre a estrutura clerical e seus membros leigos, pois a integração plena nas “estruturas originárias” deve ocorrer na diocese onde tais movimentos e comunidades nasceram ou se desenvolvem (Celam, 2007, p. 143). Portanto, a originalidade do fiel leigo necessita de um reconhecimento oficial e precisa comungar igualmente das estruturas da Igreja. Por outro lado, a Igreja sente-se na obrigação de reconhecer tais movimentos, pois tem demonstrado desconforto diante da diversificação religiosa contemporânea e da perda contínua de sua plausibilidade.

O catolicismo como instituição religiosa tradicional localiza-se em meio a um problema contemporâneo das instituições religiosas como um todo, ou seja, vê-se numa ânsia de descobrir como “sobreviver num meio que já não considera evidente as suas definições da realidade”. Assim, se acomoda ou se resiste. Mas essas saídas precisam de legitimação (Berger, 1985, p. 166).

O reconhecimento sutil dessa crucial situação em que a negociação entre leigos e as estruturas da Igreja precisa ser uma realidade urgente está em seu pronunciamento oficial registrado no documento da CNBB n. 71:

O mundo atual aprecia a novidade e tende a desprezar a tradição e a sabedoria dos antigos. Em geral, a sociedade tem substituído os papéis atribuídos pelo nascimento por papéis escolhidos pelo indivíduo. Não se herda mais da família a profissão, a religião, a cultura, o partido político... Escolhe-se a partir da própria experiência de vida. *O indivíduo constrói a própria identidade*. Por outro lado, muitos correm o risco de não ter mais uma identidade estável e bem definida. A aceleração das mudanças contribui para deixar as pessoas estressadas ou desnorteadas (CNBB, 2003, p. 37, itálicos do autor).

Tanto é importante essa negociação, numa tentativa de não perder de todo a plausibilidade eclesiástica na sociedade contemporânea, que a Conferência

dos Bispos do Brasil (CNBB) mantém um bispo³ como responsável por essa aproximação política, jurídica e religiosa e os novos movimentos e comunidades, uma espécie de diplomata entre a Igreja e os novos movimentos e comunidades católicas.

A CATOLICIDADE CLERICAL E A VALORIZAÇÃO DA TRADIÇÃO

Do ponto de vista da estrutura clerical da Igreja, os novos movimentos e comunidades agregam-se a ela numa perspectiva de integrá-la como associações. Contudo, às vezes, a tendência é classificá-los como uma pequena igreja que ao usar o título de catolicidade⁴ não se confunde com a Igreja Católica Romana. Dessa maneira, temos a constatação de diversas catolicidades dentro de uma estrutura clerical que pretende uma unicidade católica em seu sentido mais lato, isto é, universal. Verificam-se tipologias católicas diversas e contrastantes que, do ponto de vista doutrinal, dependendo do contexto político, divergem ou convergem, mas na polaridade desse contexto está, de um lado, o leigo, o leigo, e do outro, o clero.

Cabe a interpretação de Maués (2006) sobre essa relação conflituosa entre hierarquia da Igreja e o laicato na Arquidiocese de Belém, que faz a partir do sermão de D. Carlo Verzeletti,⁵ na época bispo auxiliar, cujo teor demonstrava a evidente e acentuada preocupação do clero em controlar os exageros dos grupos da RCC:

Pareceu-me que, em sua fala, ele estava dizendo que os carismas ou dons do Espírito Santo não são um privilégio da Renovação Carismática. Por outro lado, todos esses carismas, segundo ele, continuavam sendo necessários no momento

³ Atualmente no Brasil, o bispo responsável pelo acompanhamento dos movimentos e comunidades católicas é D. Alberto Taveira, arcebispo da Arquidiocese de Belém/PA.

⁴ Como parte de uma densa pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Estudos da Religião (Iser), Sanchis (s.d., p. 13) levanta uma série de questionamentos norteadores sobre o conceito de catolicidade. Questiona: "(...) de um lado, a autoridade da Igreja como católica, sacramento hierárquico da universal unidade; do outro, a real situação brasileira, feita de profundas divisões, tanto na Igreja como na sociedade global. (...) O que significa, hoje, no Brasil, construir e exercer a catolicidade numa Igreja internamente tão dividida (a maneira católica de recuperar as diferenças) e numa Igreja que se quer catolicamente coextensiva a uma sociedade por sua vez feita de meios muito diferenciados e de classes em conflitos? (...)".

⁵ Sermão proferido na manhã do dia 11 de abril de 1999, durante a I Jornada dos Movimentos Eclesiais da Arquidiocese de Belém (Maués, 2006, p. 2).

presente para o desenvolvimento do trabalho da Igreja na Arquidiocese de Belém. Ao lado disso, falou sobre a relação entre hierarquia e laicato, mostrando que os dois são importantes para o trabalho eclesial. Ambos, por sua vez, são inspirados pelo Espírito. Quando a hierarquia excede suas funções, o Espírito suscita nos leigos um movimento que serve para vivificar a Igreja e, quando os leigos se excedem, a hierarquia atua controlando os exageros. Ficou claro, para mim, que D. Carlos (...) era quem de fato estava exercendo, com habilidade, pelo menos naquele momento, um papel controlador (Maués, 2006, p. 2).

Nesse sentido, nos estudos de Lemos Filho (2000) pode-se compreender que há duas maneiras de se analisar essa diversificação tipológica interna do catolicismo: uma é a análise histórica e a outra é a análise institucional. Em seu texto, o autor mostra através de uma perspectiva sociológica e institucional a grande diversidade que existe no campo católico brasileiro; e assim enfatiza que "(...) sob a aparente homogeneidade ideológica, o que existe de fato são vários catolicismos, expressos na organização e relações de conflito" (Lemos Filho, 2000, p. 150).

Portanto, Lemos Filho (p. 150), ao propor uma tipologia institucional como critério de análise do catolicismo, verifica, igualmente, como esse subjacente conflito interno não promove o rompimento, na maioria das vezes, do campo católico em várias igrejas independentes e autônomas politicamente. Para tanto, o autor estuda as categorias seguintes: a articulação do catolicismo entre os dois polos fundamentais, o clero e o laicato; e a necessidade de definir o campo em que o fenômeno religioso se situa.

Neste sentido, a entrevista concedida pelo padre responsável da paróquia N. S. da Conceição de Carananduba, distrito do Mosqueiro, demonstra que o relacionamento entre clérigos e leigos nem sempre é convergente e harmônico, pois há uma distinção fundamental entre o que a estrutura e a doutrina do catolicismo pregam e o que os leigos pertencentes a esses movimentos e comunidades acreditam. Assim, enfatiza o vigário com a seguinte afirmação:

(...) Eu rompi com a Renovação Carismática Católica porque o processo de minha formação teológica me fez ter uma visão mais crítica-pastoral acerca dos novos movimentos e comunidades.(...) [*E em outro momento apresenta uma justificativa por essa opção*]: Eu quero estar mais perto do fundador originário da Igreja, ou seja, o fundador Jesus Cristo (Padre Francisco).

Desse modo, fica clara a opção do sacerdote pela doutrina estritamente católica oficial. Segundo ele, são dignas de fé apenas as doutrinas que são consideradas oficiais cujas fontes sejam o magistério da Igreja e os evangelhos. O padre tolera, entretanto, as regras de vida e as experiências

comunitárias que, embora não sejam “doutrina originária”, são modos de vida inspirados pelo Espírito Santo, quando oficialmente reconhecidas pela Igreja.

Também o diácono permanente da Igreja, animador da Comunidade Caminho Neocatecumenal, que funciona na paróquia mencionada, em sua entrevista, deixa claro que a tarefa da comunidade é inserir as pessoas, especialmente as afastadas no contexto das estruturas católicas. E assim ele afirma:

(...) Hoje o Caminho tem um estatuto aprovado pela Igreja e acolhido e acompanhado desde o papa João Paulo II (...) a Igreja tem apreço pelo Caminho, pois ela vê [aí] um meio de evangelização eficaz – não significa dizer que é algo melhor do que os outros movimentos e comunidades – mas o Caminho aponta para a necessidade de reaproximar aqueles que estão afastados (Diácono José).

São comunidades que, segundo Monsenhor Possidônio, trabalham o indivíduo, a pessoa especificamente. Assim justifica o clérigo:

(...) eles têm convivência comunitária, congregam pessoas, mas o foco é individual, a pessoa. O que é diferente da paróquia. O padre na paróquia não tem condições, até pela extensão da paróquia, de fazer um atendimento diário, ele é sozinho (Monsenhor Possidônio).

As comunidades estão ali para atender as pessoas. As pessoas se sentem bem porque têm um atendimento personalizado, conversam, fazem um momento de oração diante do Santíssimo. Nesse sentido, o padre complementa que

o padre até que poderia fazer isso e isso deveria ser esse seu trabalho, mas teria que se dedicar a fazer só isso. Mas o padre hoje em dia, por várias razões não o faz. Estuda, tem outro tipo de trabalho, e às vezes está no estilo de poder mais medieval, tridentino. [O padre] não está vinte e quatro horas na paróquia. Alguns reclamam da RCC, mas ela faz isso: atende as comunidades, por isso tem o seu lugar na igreja (Monsenhor Possidônio).

Portanto, os polos de tensões entre as catolicidades no interior da Igreja são marcadamente definidos pela estruturação hierárquica e distinção dos *status* eclesialístico entre clérigos e leigos. E porque os novos movimentos e comunidades católicas são fundados e constituídos geralmente por leigos, as tensões entre os polos, clero e leigos, articulam-se entre si como condição imprescindível na estrutura de catolicidade da própria Igreja.

A MODERNIDADE E A CATOLICIDADE LAICA

Em Belém existem vários novos movimentos e comunidades que assumem esse perfil classificatório da Igreja.⁶ Monsenhor Possidônio, historiador da Igreja, admite que um dos principais fatores para o surgimento de novos grupos e comunidades é a mudança de época o que, segundo ele, provocou abalos

(...) sobretudo, nas instituições mais tradicionais, petrificadas, as instituições mais fortes, mais clássicas (...). Uma é a família. (...) As famílias (...) são diferentes de 30 a 40 anos atrás. Isso é um dado! A outra instituição da sociedade, digamos assim, que foi fundamentalmente abalada, é a religião. Eu diria, em questão de princípio e de formato, na maneira de expressar a vida religiosa ou a fé que as pessoas têm. Alguma coisa evidentemente ainda permanece; [coisas] que são substanciais na expressão religiosa, mas esse abalo (...) na verdade é medido quando a gente verifica o surgimento de novas expressões que derivam das expressões tradicionais dentro da Igreja Católica (Monsenhor Possidônio).

No campo católico, o pentecostalismo, as novas expressões, as novas comunidades em seu modo de viver a fé, tornaram-se quase que totalmente autônomas com relação à hierarquia. São movimentos que surgiram fora da estrutura paroquial.

A nova comunidade Maria Serva do Senhor localizada na BR 316, Km 2, n. 35, no bairro do Castanheira, trabalha sob o prisma do carisma. E, segundo a opinião da coordenadora do grupo, que existe há cinco anos, é preciso

viver aos moldes de Maria. (...) Assimilar o evangelho sob o jeito de Maria, sob o olhar de Maria (...). [A família] está abalada, fragmentada e desestruturada. (...) A

⁶ Novos movimentos e comunidades católicas em Belém: Cursilhos da Cristandade (Umarizal); Renovação Carismática Católica – R.C.C. (Nazaré); Legião de Maria (Marco); Apostolado da Oração (Marco); Movimento Apostólico Divina Misericórdia (Batista Campos); Comunidade Mar a Dentro (Igreja das Mercês-Centro); Comunidade do Espírito Santo (Guamá); Comunidade Católica Shalom (São Brás); Neocatecumenato (Nazaré); Focolarinos Masculino (São Brás); Focolarinos Feminino (Nazaré); Comunidade Católica Kerygma (Pedreira); Comunidade Católica Semeando com Maria (Umarizal); Comunidade Católica Missão Louvai (Cidade Nova VI, Coqueiro, Ananindeua); Comunidade Maíra (Nazaré); Fraternidade Missionária O Caminho Fraternalistas Santa Clara – Feminino (Comércio); Fraternalistas Bom Samaritano – Casa Masculino (Cidade Velha); Comunidade Católica Nova Aliança I (Castanheira); Comunidade Católica Nova Aliança II (Umarizal); Comunidade Maria Serva do Senhor (BR 316, Km. 2). Informações cedidas por Mons. Cid Possidônio da Matta, Coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Belém.

comunidade acredita que o novo ardor missionário renovou a Igreja (...). Da RCC nascem as Novas Comunidades que é um novo modo de vida consagrado, que são leigos consagrados; que não são como as comunidades paroquiais, nem é um Movimento. Somos Comunidades. Temos um carisma específico, é um chamado, uma vocação. Aí a gente vive esse carisma. Vive esse chamado de acordo com que a Igreja manda (Maria Lúcia, professora aposentada).

Assim, o seguimento é primordial para o passo seguinte, ou seja, a conquista da família. Essa comunidade, como os demais novos movimentos e comunidades católicas, se divide em Comunidades de Vida e Comunidades de Aliança. A comunidade de Aliança é formada por casais, solteiros, pessoas que querem estudar, mas que não podem se dedicar exclusivamente para dentro da Igreja e seguem o carisma externamente. A Comunidade de Vida é formada por pessoas que moram em uma casa na própria comunidade e se dispõem totalmente; são despojados de vida e vão doar o serviço do carisma a essa comunidade. Geralmente convivem numa casa entre 15 a 20 leigos, entre homens e mulheres, vivendo exclusivamente para a comunidade. São celibatárias, fazem os votos clássicos (obediência, pobreza e castidade) tal como as congregações religiosas tradicionais da Igreja. Vivem independentemente da autoridade paroquial.

Os dois tipos de Comunidades têm sua casa de formação e vivências comunitárias próprias com seus exercícios espirituais: orações, o cerco de Jericó, missas, acompanhamento espiritual e formação para o sacerdócio. Homens e mulheres praticando um novo modo de viver a fé. Um novo ardor missionário, tão debatido na Conferência dos Bispos da América Latina em Santo Domingo. A Nova evangelização deveria ser “nova no ardor missionário, nova em seus métodos, nova em sua expressão. Tudo sob o signo do Espírito Santo, ele age, ele move, ele ilumina” (Celam, 1992, p. 85-89).

A Comunidade Nova Aliança II localiza-se no centro comercial do bairro do Tapanã, dispõe de uma casa alugada já há cinco meses. Olhando de fora da casa percebemos um grande *banner* com a figura do Santíssimo Sacramento. Na frente da casa ostenta-se a pintura de uma grande cruz juntamente com a programação de orações, o cerco de Jericó, missas, acompanhamento espiritual. Dessa maneira, surge uma nova consciência religiosa que

(...) permite certa autonomia do sujeito diante das instituições tradicionais e a construção de sínteses religiosas próprias também permite as vivências múltiplas (...) a centralização é no indivíduo. O *ser religioso* escolhe suas crenças, o ritual, suas referências sagradas (Brandão, 2004, p. 269).

Há também um retorno às tradições em fazer tudo que a autoridade católica solicitar. O pedido de um bispo é uma ordem. O bispo representa a instância máxima da Igreja Local. Assim o depoimento a seguir corrobora com nossa afirmação:

Nós fazemos tudo o que a Igreja Católica pede, por exemplo, a RCC dá essa impressão: ‘eles parecem com os evangélicos’! Na verdade estamos vivendo o que a igreja já viveu. A própria palavra renovação já está dizendo ‘renovar os carismas’ que por algum tempo parece que ficou esquecido como pedido de João XXIII; renovar a igreja, revigorar a nova infusão do espírito santo. Então, a Igreja foi renovada desse ardor missionário. Colocar os carismas de acordo com o tempo e com a comunidade da Igreja. [Isso] vem no tempo de Francisco de Assis. Ele fez o que a igreja precisava. Estamos de acordo com a necessidade da Igreja. Deus suscita através do Espírito Santo (Maria Lúcia, professora aposentada).

Este discurso reporta-nos ao entendimento de que a crença, a fé, a confiança no significado simbólico gera uma fatalidade nas concepções que impulsionam o indivíduo ao seu enquadramento, ao contexto social da ordem fundamental. Existe uma aceitação prévia, não empírica, mas religiosa que faz com que o indivíduo se sujeite a uma autoridade. Essa é uma perspectiva religiosa, “aquele que tiver que saber precisa primeiro acreditar” de tal forma que a perspectiva religiosa difere da do senso comum, da científica e da arte, visto que “se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam gerando esperança” (Geertz, 1989, p. 126).

Para o laicato, no caso específico desta pesquisa, o conceito de catolicidade passa por uma experiência religiosa pessoal e a referência se dá a partir de sua transformação/conversão conforme nos expõe a entrevista da coordenadora de grupo de intercessão:

(...) Religião pra mim é a católica porque foi fundada por Jesus Cristo, é a igreja maior, a partir das doutrinas dessa religião católica é que tenho fé e que pra mim com certeza salva.(...) O catolicismo para mim é uma doutrina muito rica, é tão intensa que a cada vez que me aprofundo mais me apaixono, pois sua doutrina foi deixada por Jesus Cristo.(...) E o que me motiva a participar do grupo e da Igreja é o primeiro amor, aquele encontro pessoal que eu tive com Cristo há sete anos. Eu era uma pessoa totalmente diferente do que sou. Era uma pessoa que me vestia de preto [gótico], bebia e deixava minhas filhas para estar na rua. Então fui convidada várias vezes para participar desse grupo e quando me encontrei lá o pregador falou toda minha vida. Como esse homem sabia toda minha vida? Com certeza não era ele quem falava, mas era o espírito santo que suscita no coração [dele e meu] e falando aquelas palavras, justamente sobre tudo o que eu estava sentindo naquele momento.(...) Aquele homem estava falando e foi aí que

comecei a me entregar pela primeira vez (...) e foi isso que me motivou (...) foi um pentecostes (...) uma conversão (...) um novo batismo (...). (Patrícia da Conceição, 35 anos, funcionária pública).

A pesquisa realizada por Maués (1995, p.496), na região do Salgado, interior do município paraense Vigia de Nazaré, já constatava essa tensão entre o oficial e o popular do campo católico. E sua conclusão se assemelha ao que foi dito antes, arriscando uma definição da própria constituição da identidade do catolicismo. Assim, para esse autor, a tensão entre o clero e o laicato é elemento constitutivo do catolicismo, pois “a lógica do sacerdote é a lógica do sacramento, enquanto a lógica do leigo (no catolicismo popular) é a lógica do santo. Mas o santo é, também, o sacramento do leigo” (Maués, 1995, p. 497).

Vale ponderar que, no caso dos novos movimentos e comunidades católicas, o santo ou a devoção popular não ganha um destaque acentuado necessariamente, porém, ao participarmos de uma reunião do grupo carismático “Frutos do Espírito”, em 12 de março de 2012, na igreja matriz de N. S. do Ó, na Vila de Mosqueiro, percebemos que na evolução do ritual ali realizado, as imagens do crucifixo e do Sagrado Coração de Jesus misericordioso eram constantemente evocados pelo animador, favorecendo aos participantes uma visão introspectiva e subjetiva dessas imagens sagradas, portanto, uma espécie de devoção.

Assim, a informante, coordenadora do grupo da RCC, explica sua experiência pessoal com relação à adoração ao Santíssimo Sacramento: “Há sete anos eu não entendia o que significava adoração ao Santíssimo. (...) Ao longo desses sete anos que estou na Igreja, no grupo (...) foi aí que me encontrei e me sinto renovada” (Patrícia da Conceição, 35 anos, funcionária pública).

Em alguns momentos do ritual do louvor, por nós observado, o animador motivava aos participantes exortando-os a fecharem os olhos e a contemplarem interiormente tais imagens; outras vezes motivava-os a olharem diretamente para o Crucifixo posto acima do altar-mor do templo. E conduzia essa parte do ritual com as seguintes palavras literais:

O que vai entrar no coração de Deus é a oração que sai de dentro do nosso próprio coração (...) feche os olhos e visualize a imagem de Jesus Crucificado, ele (o Crucificado) diz repetindo a cada um de nós: ‘foi por ti, foi por ti, foi por ti’(...). (Fernando, animador e pregador do grupo Frutos do Espírito).

O exercício da oração silenciosa e da contemplação é uma relação iconográfica subjetiva, profundamente individual, pois os olhos estão fechados, vale apenas a introspecção pessoal.

Importa destacar a pesquisa de Prandi e Souza (1997) que demonstra a réplica de uma senhora à crítica de um sacerdote católico que se referia à ênfase que a RCC dá ao aspecto interior e subjetivo da pessoa. A tal senhora replicava dizendo, nas palavras dos autores, que

(...) se a ênfase da RCC está na vida interior, ela também não deixa de lado o social, apontando vários exemplos, como associações de auxílio mútuo, associações carismáticas para auxílio de enfermos e alcoólatras e vários ministérios sociais que compõem vários grupos de oração espalhados pelo Brasil (Prandi; Souza, 1997, p. 121).

Mas, neste trabalho, nos referimos ao processo de conversão, formação e desenvolvimento da fé como núcleo do processo de estruturação do modo de ser carismático. E o louvor, como ritual e manual desse processo, como pudemos observar, está na centralidade da vida dos renovados. Portanto, o indivíduo liberta-se não no sentido da Teologia da Libertação, cujas descobertas acerca de sua dignidade passam a redefinir o seu *status* de cidadão em seus diversos aspectos: econômico, político, legal, racial, sexual etc. (Warren, 1993, p. 32), mas no sentido de que o momento ritual, chamado de louvor, parece ao observador uma comunidade reunida, porém, os modos rituais desenvolvem um valor mais centrado no indivíduo⁷ e não no coletivo. Para Prandi (2007, p. 5) esses novos movimentos e comunidades católicas são “de adesão individual e, de certo modo, fazem a crítica do antigo catolicismo”.

Ocorre, portanto, um modo de subjetivação diversa do que ocorreria num processo ritual de *communitas* (Tanner, 1974), pois o que o coletivo processa em termos sociais através dos ritos de passagens, o indivíduo processa em termos psicológicos através do sentimento de culpa: foi por ti [que ele deixou-se crucificar]. Trata-se de uma privatização do sagrado (Rosendahl, 1996, p. 72), pois nesse momento ritual não há nenhuma mediação institucional entre o membro do grupo e o sagrado, visualizado através das imagens descritas anteriormente.

⁷ Nesse sentido a ideia de sujeito, em Touraine (1994), ajuda esclarecer como se entende o indivíduo numa esteira de relações sociais, membro de um grupo religioso que, a exemplo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), trabalhavam a conscientização política dos que dela participavam. Assim expõe Touraine (1994 *apud* Gohn, 2008, p. 115): “A ideia de sujeito não se opõe à de indivíduo, mas ela é uma interpretação muito particular dele (...) quando eu falo do sujeito, isto é, da construção do indivíduo como ator, é impossível separar o indivíduo de sua situação social”.

Para Berger (1985), no contexto do liberalismo moderno ocorre um processo de subjetivação da religião tradicional de forma radical, em dois aspectos. O autor afirma que com a perda de plausibilidade e legitimação a religião

[por um lado] torna-se cada vez mais uma questão de livre escolha subjetiva, isto é, perde o seu caráter obrigatório e intersubjetivo. E por outro, as 'realidades' religiosas são, cada vez mais, traduzidas de um quadro de referência de facticidades exteriores à consciência do indivíduo para um quadro de referência que as localiza na consciência (Berger, 1985, p.176).

Como já dizíamos antes, com outros termos, a ideia de realidade ou verdade deixa a esfera do cosmológico e passa a habitar o psicológico. A história como patrimônio da ordem do coletivo transmuta-se numa nova ordem, ou seja, a da referência do indivíduo como biografia. O coletivo nos novos movimentos e comunidades católicas não produz referência à historiografia das relações intersubjetivas, mas constrói estruturas de relações subjetivas e individuais.

Para Monteiro (2003), num viés weberiano, é neste contexto da perda da plausibilidade do discurso religioso como sustentação da legitimação da ação social, da perda do peso político do religioso e da emancipação da esfera econômica com relação à esfera religiosa que a sociedade moderna entra num processo de desencantamento do mundo; pois a religião não tem mais capacidades estáveis para estruturar e legitimar as instituições sociais.

Por outro lado, as práticas religiosas e a estruturação dos novos movimentos e comunidades católicas tendem a nos fazer pensar que, se é verdade que houve um desencantamento do mundo (do cosmos e da sociedade) no sentido da exteriorização e objetivação, segundo Peter Berger (1985), é verdade, também, que há um processo diferenciado, mas não menos importante de reencantamento do indivíduo, na sua história de vida e na sua visão de mundo no sentido da subjetivação bergeriana.

Portanto, pode-se afirmar que houve um desencantamento do mundo exterior, porém, ocorre, mais do que nunca, um processo de reencantamento do mundo interior do indivíduo. Esse processo se evidencia na fala a seguir:

O Senhor nos dá o Espírito Santo no batismo, mas a renovação carismática veio ativar esse Espírito em nós; por isso somos [chamados] de Apóstolos da efusão do Espírito Santo. Acreditamos no batismo de um novo pentecostes (...) isso me ajuda: os dons em língua, na profecia etc., eu já adquiri esse dom de línguas (Patrícia da Conceição, 35 anos, funcionária pública).

Ao propormos a compreensão do processo de reencantamento do mundo interior que se faz através dos dons do Espírito Santo, reformula-se necessariamente a compreensão empenhada de Touraine (*apud* Gohn, 2008, p. 115) acerca do indivíduo como sujeito ou ator social.

Em Touraine (p. 115) o indivíduo é parte integrante do mundo e consciente de sua situação no mundo; a categoria indivíduo que se estrutura no contexto dos novos movimentos e comunidades católicas estabelece dialeticamente uma relação funcional com o mundo e uma relação transcendental consigo mesmo, pois o mundo, nesse caso, precisa ser santificado⁸ e isso deve começar pela santificação individual do crente.

O grupo estabelecido para a realização desses movimentos não nos parece ter necessidade de transformar o indivíduo em sujeito, numa combinação consciente de memória cultural e projeto instrumental (Touraine *apud* Gohn, p.115). Contudo, o indivíduo, ao participar desses grupos, demonstra uma busca por um refúgio diante do mundo desencantado e hostil aos seus olhos. E sua consciência em si mesma é o último invólucro de possível santidade que se possa garantir, ou para parafrasear uma expressão weberiana, o último lugar de reencantamento do mundo individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O catolicismo que centraliza seu modo de ser na Igreja Católica Romana proporciona a construção de diversas catolicidades no interior da sua própria estrutura eclesial. Essas catolicidades, como vimos, são produtos de um processo de constante tensão entre os seus dois polos fundamentais: o clero e o laicato.

O clero se autocompreende como sendo o modo originário, portanto canônico, de estruturação católica e promove uma postura de acuidade interpretativa de sua catolicidade enquanto modalidade unívoca e inequívoca de ser católico, insistindo numa ortodoxia de abrangência coletiva em que esse

⁸ O conceito de santidade segue a compreensão de Eliade (*apud* Croatto, 2001, p. 58) sobre o sagrado a partir da seguinte reflexão: “Qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o *homo religiosus* acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real!”. Assim, se o mundo se encontra desencantado e dessacralizado, portanto, impuro, resta ao indivíduo reencantar e sacralizar, portanto, santificar, a sua própria consciência, sua individualidade mais plena.

catolicismo mantenha sua plausibilidade e legitimação do mundo e da vida social, em nome da universalidade da Igreja.

O laicato, ao criar e desenvolver novos movimentos e comunidades católicas, por sua vez, a despeito da doutrina oficial, estabelece uma relação dialética entre sua função no mundo e sua autoconsciência de ser um indivíduo no mundo. O mundo exterior ao indivíduo desencantado e hostil pode, então, reencantar-se, ao passo que o próprio indivíduo santifique as estruturas de sua autoconsciência, isto é, as estruturas de seu mundo interior.

Os novos movimentos e comunidades católicas classificam-se numa modalidade categórica de novos movimentos religiosos já que demarcam um espaço de proteção do indivíduo diante da hostilidade do mundo realizando uma amálgama entre a herança da catolicidade tradicional e histórica e a recusa em aceitá-la completamente, pois, o leigo que pertence a tais movimentos e comunidades reestrutura sua participação no mundo para uma santificação da autoconsciência.

Decerto que se as novas comunidades realizam um novo modo de viver a fé, e tais movimentos e comunidades católicas fogem dos padrões tradicionais. Sim, é algo novo. Entretanto, mesmo com a escassez dos dados aqui apresentados e refletidos, no nosso entendimento, o pentecostalismo, no interior da Igreja Católica Romana em Belém, apresenta os moldes semelhantes ao pentecostalismo das igrejas neopentecostais em geral, pois a forma descentralizada e independente da hierarquia, a participação ativa na liderança por parte dos leigos, especialmente nas atividades pastorais e cargos como missionários, formação teológica e animação litúrgica evidenciam uma prática diferenciada, ou uma catolicidade que, diferente da catolicidade clerical, tem por base a santificação do indivíduo em última instância.

Enfim, reafirmamos o que já dizíamos no início deste trabalho, a estrutura categórica e classificatória dos novos movimentos e comunidades católicas está numa dimensão ontológica da catolicidade entendida como um modo de ser conflitivo em sua própria configuração social e religiosa.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BRANDÃO, C. R. Fronteira da Fé: Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, São Paulo: Cortez, 2004/2006.

- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões da IV Conferência do episcopado latino-americano*: Santo Domingo, texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Código de Direito Canônico: promulgado por João Paulo II, papa*. Tradução CNBB, notas, comentários e índice analítico Jesus Hortal S.J. São Paulo: Loyola, 1983.
- _____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil 2003-2006*. Coleção documentos da CNBB, n. 71. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução Carlos Maria Vásquez Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Religião e Cultura).
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- GOHN, M. da G. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GUERREIROS, S. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Tradições Religiosas).
- LEMONS FILHO, A. *Os catolicismos brasileiros*. Campinas: Editora Alínea, 2000.
- MAUÉS, R. H. “Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?” Trabalho apresentado no 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, GT 17: pessoa, família e *ethos* religioso. Mimeo, 24 a 28 de outubro de 2006.
- _____. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995.
- MONTEIRO, P. “Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo”. São Paulo: *Novos Estudos*, n. 65, março de 2003.
- PRANDI, R.; SOUZA, A. R. de. A renovação carismática e as comunidades eclesiais de base. In: _____. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- _____. “As religiões e as culturas: dinâmica religiosa na América Latina”. Trabalho apresentado na Conferência inaugural da XIV JORNADA SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA. Buenos Aires: mimeo, de 25 a 28 de setembro de 2007.
- ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Uerj, Nepec, 1996.
- SANCHIS, P. (Org.). *Catolicismo: modernidade e tradição. Coleção de Estudos do Catolicismo do ISER*. São Paulo: Loyola, [s.d.].
- TURNER, V. W. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.